

Reflexões éticas e filosóficas sobre a educação escolar

ALVORI AHLERT

Professor Adjunto da UNIOESTE, membro do GEPEFE – Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física Escolar, do Grupo de Pesquisa Cultura, Fronteira e Desenvolvimento Regional e da Linha de Pesquisa Conhecimento e Práxis Educacional, Brasil

Introdução

Ao longo da história a escola tem reproduzido o sistema da racionalidade econômica, e isso tem levado a humanidade a um modelo de exclusão que aprofunda a assimetria entre os grupos e as sociedades humanas. A escola, historicamente, preparou as pessoas para entrarem no sistema produtivo do capitalismo para serem eficazes na sua reprodução. Nós fomos educados na era da indústria, dentro do sistema industrial.

Entretanto, os jovens de hoje nasceram no período industrial, mas seu período produtivo de trabalho se dá numa nova era, a era do conhecimento, a sociedade do conhecimento. E esta sociedade do conhecimento precisa reencontrar o caminho da humanidade. Precisa recolocar o ser humano como parte integrante da natureza e não mais como seu inimigo e dominador. Esta sociedade precisa discutir eticamente sobre o uso da tecnologia, da biotecnologia, da biogenética, sobre a clonagem humana, sobre o cruzamento do ser humano com o animal. Ela precisa desarmar todo o potencial de destruição produzido pela era industrial.

Por isso, a escola precisa reencontrar o caminho do público, da praça. Ela precisa se rearticular com a sociedade civil. Educar não pode ser mais apenas tarefa do/a professor/a, mas de toda a sociedade. A escola tem que ser pensada e repensada com uma visão do todo. A aprendizagem só faz sentido se ligada ao processo da vida. O aluno precisa se construir como cidadão, dentro das novas perspectivas que a ambigüidade da globalização nos permite. Num processo inter, trans e multidisciplinar somos chamados a construir e a reconstruir a partir de novas experiências, mais humanas e solidárias. Por isso, a aprendizagem deve se voltar para a realidade, para a dimensão do local dentro de uma perspectiva sempre mais global.

Educar para o pensar

Hoje, o grande desafio da educação, mais do que em qualquer outra época, é o diálogo e o desenvolvimento da capacidade argumentativa. A escola tem como maior desafio o *ensinar a pensar*,

porque o mundo somente vai mudar se os nossos pensamentos mudarem. E para isso, precisamos, mais e mais, da dialética e da sinergia. A dialética é o modo de pensarmos a realidade, o modo de compreendermos a realidade como socialmente contraditória e em permanente transformação. A dialética considera as coisas e os conceitos no seu encadeamento, nas suas relações recíprocas, no seu aparecimento, desenvolvimento e decadência. A sinergia é o ato ou esforço coordenado de vários órgãos na realização de uma função. É a associação simultânea de vários fatores que contribuem para uma ação coordenada. Ação simultânea, em comum.

Para a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), o século XXI precisa ser o século da educação. E o grande paradigma desta educação deve ser o ensino da capacidade de pensar; desenvolver um pensamento auto-estimulador que evolui por sua própria força, na medida em que se confronta com o existente enquanto conhecimento múltiplo milenarmente construído. Não basta uma boa formação técnico-científica. Uma das coisas mais preciosas que o/a professor/a pode dar ao/a aluno/a é a capacidade de pensar de forma independente. Porque o cidadão do século XXI precisa saber resolver problemas concretos, não mais problemas fictícios. Precisa tomar decisões fundamentadas. A pessoa precisa saber fundamentar logicamente suas decisões. Esse é um requisito fundamental. Não apenas fazer contas, mas ter a capacidade de analisar dados, fatos e situações; conhecer o conjunto de serviços e de instituições que existem nas sociedades aos quais os cidadãos podem e devem recorrer; a capacidade de relatar, saber o que está acontecendo, perceber o contexto e ser capaz de transmitir isso para os outros; capacidade de gestão participativa e não mais apenas entender as tarefas; capacidade de entender processos mais amplos; capacidade de receber criticamente os meios de comunicação, de perceber as manipulações desses meios e ter um distanciamento crítico, pois uma notícia não pode ser um comentário manipulador; capacidade de saber distinguir entre aquilo que é real e aquilo que é manipulação.

E o melhor caminho para ajudar uma pessoa a pensar é ensinando-lhe a fazer perguntas à realidade. Paulo Freire, ao falar da educação problematizadora no seu clássico *Pedagogia do oprimido*, diz: "Nenhuma 'ordem' opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: 'Por quê?'" (1987, p. 75). Fazer uma pergunta corretamente já é um caminho na formação intelectual. É por isso que uma escola em construção é uma escola em crise. Uma crise que é construtiva e destrutiva. Por isso é um fenômeno dialético.

Muitas pessoas permanecem no dogmatismo. Vêm apenas um lado do fenômeno e ficam satisfeitas. Mas o dogmatismo é perigoso. O dogmático coleciona as verdades absolutas e abstratas. Para Hegel, o dogmatismo é a primeira etapa do pensamento humano. No início a criança vê somente um lado. Quando o/a professor/a ensina que um fenômeno tem, não apenas um lado, mas muitos, o jovem está aprendendo a pensar.

Mas quando o aluno aprende que um fenômeno tem vários lados ele pode entrar no ceticismo. E o ceticismo é a segunda etapa do pensamento humano. A pessoa vê dois ou mais lados do fenômeno e cai no ceticismo e no relativismo. Ceticismo é a personificação do relativismo. Hoje somos professores que trabalham com muitos/as alunos/as céticos e ecléticos. Eles vêem e ouvem muitos lados do fenômeno, as muitas verdades, mas não conseguem fazer a sua opção. Não conseguem selecionar um caminho possível de mudança. Assim, caem num ecletismo, onde tudo é considerado bonito, ou feio, ou válido, ou errado, ou relativo, onde existem várias possibilidades, mas não se consegue optar por uma saída. Parece-nos que

este é um dos motivos fundamentais desse marasmo, dessa imobilidade da juventude por mudanças efetivas e profundas da realidade excludente.

Mas qual é a saída? Como escapar dessa situação? A UNESCO, através do Relatório Jacques Delors *Educação: um tesouro a descobrir*, fala de quatro competências que a educação precisa desenvolver: *Aprender a ser*, que significa ajudar o jovem a desenvolver a identidade e a auto-estima, auto-confiança, auto-conceito, auto-determinação, ou seja, aprender a ser. Competência pessoal. *Aprender a conviver*, que significa ajudar os jovens a desenvolverem as relações inter-pessoais e comunitárias, relações de cidadania, de urbanidade, de solidariedade, de construção coletiva, de ação comunicativa, de conhecer e reconhecer o outro de forma comunicativa. *Aprender a fazer*, que significa possibilitar ao aluno adquirir habilidades básicas e específicas de gestão e empregabilidade, de se tornar hábil para encarar o mercado de trabalho de bens e serviços. *Aprender a aprender*, que significa possibilitar o aprender a andar atrás do conhecimento. Aprender a conhecer o conhecer. Significa acessar informações de todas as formas: na biblioteca, na enciclopédia, no dicionário, nos periódicos, na rede de computadores; sair da escola como um caçador de conhecimentos.

Além disso, um grande desafio para a escola é construir a capacidade de trabalhar em grupo. Trabalhar em grupo significa fazer e possibilitar um processo de interação para a construção de novos conhecimentos, estimulando o desenvolvimento de alternativas e de soluções.

O *aprender a fazer* e o aprender a aprender se aprende em sala de aula, no laboratório, nas oficinas, dentro e fora da escola, na interação com a realidade contextual objetiva e subjetiva. Já o *aprender a ser* e o *aprender a conviver* deverão ser possibilitados na escola, por meio de práticas e de convivências não docentes. Práticas que permitem ao jovem experimentar. Por isso a educação no século XXI precisa ser realizada numa parceria radical entre escola, família, sociedade e Estado. Sempre é bom lembrar uma frase em educação atribuída a Confúcio, que diz: *"Tu me dizes, eu esqueço; tu me ensinas, eu lembro; tu me envolves, eu aprendo"*.

Portanto, cabe a educação a construção de caminhos possíveis através de diferentes ações e metodologias, como:

Transformar a sala de aula, formal e informal, em discussões coletivas, de argumentação comunitária centrada numa ação comunicativa, num conhecer comunicativo de um novo paradigma que permita a reconstrução de uma comunidade de "Eus" e "Outros".

Apoiar o processo de ensino e aprendizagem sobre a filosofia dialética e a sinergia, que permitem olhar para a realidade, para a vida real – para os fenômenos – e fazer uma análise que ultrapasse a mera constatação e possibilite pensar nas mudanças e transformações dessa realidade, olhando os fenômenos de todos os lados possíveis em cada momento.

Desenvolver atividades que oportunizem mostrar aos jovens as possibilidades históricas e dialéticas. Ajudar o jovem a aprender a pensar é mostrar a história do conhecimento. Significa que o/a professor/a deve ajudar o aluno a entender o porquê dos conteúdos? De onde vem? Como surgiram? Primeiro mostrar a verdade abstrata e depois aplicá-la à realidade concreta. Mostrar a história real do caminho do conhecimento. Ensaiar a construção de uma nova realidade concreta juntamente com os jovens. Isso significa ajudá-los a analisar criticamente e escolher o melhor caminho para o enfrentamento dos problemas que afligem o ser humano. Significa tornar o pensamento vivo.

Por isso, o papel da escola é destampar a verdade, toda a verdade que se quer absoluta. E isso obriga a escola a passar pelo caminho da ética. Ela precisa realizar a reflexão ética diante dos processos globalitários. Para isso precisa fazer a defesa pública de suas idéias, para interferir no estabelecido. Ela precisa tornar-se a *Eklesia* (público-público) onde se constrói o conhecimento por meio da argumentação pública de todos os concernidos. Assim, no dizer de William Butler Yets, "*Educar não é encher um cântaro, mas acender um fogo*".

Sobre os sentidos da reflexão ética na educação escolar

Para o filósofo Ernildo Stein (2000), a passagem do milênio teve como característica uma realidade desenhada por um quadro de horrores do mundo globalizado. Trata-se, segundo ele, de macrofenômenos macabros de ordem material e que nos chocam diariamente através da mídia ou *in loco*: a morte de milhões de seres humanos pela fome, principalmente no terceiro mundo; a violência das guerras regionais, étnicas, tribais e econômicas com centenas de milhares de mortes; as doenças endêmicas, epidêmicas e sazonais entre os povos mais pobres; a violência urbana produzindo terror e medo em todos; as catástrofes climáticas, da civilização, no trânsito; a exploração pelo trabalho escravo, de adultos e crianças; a prostituição de menores, usados como objetos no turismo; o desespero dos excluídos do processo social; a perseguição e a extinção das minorias de todos os tipos; a exclusão da saúde e a privação da palavra das majorias pobres e exploradas; a agressão da mídia e da propaganda, violentando a frágil estrutura do desejo; o sucateamento dos idosos, dos aposentados, dos doentes, dos desempregados e das mulheres cheias de filhos; a mortalidade infantil; o desperdício e o armazenamento de alimentos para fins de especulação; a destruição dos recursos naturais do planeta; a manipulação das esperanças e dos sonhos da juventude.

Também existem fenômenos de outra ordem, e que, progressivamente, aprendemos a ver através das ciências humanas. São os fenômenos que envolvem diretamente a história de cada indivíduo, como: a destruição das identidades pessoais e a multiplicação dos *borderlines*; a dimensão das perversões e a consagração da transgressão como o modo de ascensão social; a perda da relação com o "mundo" e o incremento das psicoses; o mito individual do neurótico e a difusão do sofrimento psíquico; a infantilização do adulto e a precoce conversão em objeto sexual da criança; o narcisismo generalizado e a multiplicação das relações de espelhamento nos outros; a fadiga sexual generalizada e a difusão da permissividade como contrapartida; a delegação da autoridade dos pais aos grupos etários dos filhos e a morte dos modelos adultos na formação da identidade pessoal; a perda da substância ética e o avanço da esteticização das relações pessoais; o esgarçamento da relevância social do trabalho e a perda do valor biográfico do trabalho; o desaparecimento do valor verdade e a consagração de um pensamento estratégico; o fim da justiça como princípio político fundamental e a justificação pelo procedimento correto; o fim de referências absolutas e a fragmentação das histórias de vida.

Diante dessa realidade a escola pode se tornar um espaço de resistência, para preparar as novas gerações para o enfrentamento desses problemas? A escola deverá educar eticamente? Ela poderá fazê-lo? Ela conseguirá fazê-lo? De que forma? Onde estão suas possibilidades especiais em comparação com outras influências – como a família, o meio e a sociedade com suas múltiplas informações?

A educação ética como tarefa e possibilidade da escola

Face às muitas expectativas que se colocam para a educação ética na escola, devemos perguntar sobre os seus direitos. E com isso é preciso perguntar também sobre os limites para essa tarefa, face à complexidade das relações com que se defronta a escola hoje. Agir pedagogicamente sem conhecer os limites dessa possibilidade conduz facilmente à *Obra de Sísifo* (Rei lendário que tentou enganar os deuses e escapar da morte. Por isso foi condenado, nos infernos, a empurrar uma enorme rocha montanha acima. Cada vez que ia atingir o cume, a rocha caía, forçando Sísifo a recomeçar o trabalho), e, conseqüentemente, a grandes frustrações.

Por isso é preciso refletir em que sentido a educação ética pode ser vista como função e tarefa da escola e perguntar pelos limites e possibilidades de uma educação ética na escola.

Daí ser importante partirmos de um conceito mínimo da ética e sua diferenciação com a moral. Gosto muito da definição de Herbert de Souza (Betinho):

Ética é um conjunto de princípios e valores que guiam e orientam as relações humanas. Esses princípios devem ter características universais, precisam ser válidos para todas as pessoas e para sempre. Acho que essa é a definição mais simples: um conjunto de valores, de princípios universais, que regem as relações das pessoas. O primeiro código de ética de que se tem notícia, principalmente para quem possui formação cristã, são os dez mandamentos. Regras como “não matar”, “não roubar”, são apresentadas como propostas fundadoras da civilização cristã ocidental. “A ética é muito mais ampla, geral, universal do que a moral. A ética tem a ver com princípios mais abrangentes, enquanto a moral se refere mais a determinados campos da conduta humana. Quando a ética desce de sua generalidade, de sua universalidade, fala-se de uma moral, por exemplo, uma moral sexual, uma moral comercial. Acho que podemos dizer que a ética dura muito mais tempo, e que a moral e os costumes prendem-se mais a determinados períodos (e culturas). Mas uma nasce da outra. É como se a ética fosse algo maior e a moral algo mais limitado, restrito, circunscrito. (Souza, 1994, p. 13).

Educação ética como função e tarefa da escola

A pergunta se a escola deve educar eticamente é mais facilmente respondida se perguntarmos se a escola pode evitá-lo. Está claro para todos nós que a escola está num contexto onde se processam aprendizagens que não escapam da formação e reprodução de valores, onde se pergunta sobre os problemas e situações da vida. A escola não escapa de uma formação ética. O significado central para a escola é sobre quais normas e valores ela assenta sua formação. Três formas de possibilidades foram desenvolvidas historicamente: Teoria escolar; Formação filosófica; Formação política.

No contexto da Teoria da Escola, desde que se reflete socialmente sobre a escola na Pedagogia, a educação ética faz parte dessa reflexão. Em Friedrich Schleiermacher, como um dos primeiros a lançar uma teoria educacional, temos uma posição muito clara de que a escola pode ir além da tarefa da educação ética construída na família. A escola envolvida com o seu entorno social tem todos os materiais e, portanto, uma tarefa fundamental na educação ética das novas gerações. Faz parte da tradição pedagógica a da formação do caráter das pessoas. Também nas novas teorias sobre a escola está presente a função da escola, enquanto formação de normas e de valores, sobretudo numa perspectiva crítica. A escola deve ser vista como uma “pólis” onde a educação tem um profundo sentido democrático e participativo. Além disso, a escola sempre é parte da sociedade e a educação sofre sua influência e a influencia.

Na teoria da Formação filosófica existe uma longa tradição que coloca a função da escola como educação ética. Pode-se lembrar aqui a importante contribuição de Johan Amos Comenius, para quem a formação escolar sem uma dimensão ética é praticamente impossível de ser concebida.

Já na teoria da Formação política acentua-se a relação entre a política e o poder. Este nasce de uma relação que se estabelece entre as pessoas ou grupos de uma sociedade. Por isso existe a política e as várias políticas determinadas por relações de poder em campos específicos, como a política comercial, a financeira, a militar, a econômica, etc. Neste sentido, a crise ética na política é fruto, justamente, de uma disputa pelo poder que coloca sob domínio um grupo ou pessoas por outro grupo ou pessoas. O poder está imediatamente associado ao domínio, à dominação, à subordinação, à resignação.

Considerações finais – a eticidade da educação

Nossa realidade, tanto em nível global como em nível local, caracteriza-se por uma profunda assimetria, uma desigualdade social muito aguda. Além das questões sociais, o mundo sofre uma multiplicidade de riscos ecológicos, atômicos, armas químicas, engenharia genética privada de grupos econômicos, etc. A modernidade agonizante, fruto das patologias da razão da consciência, de uma razão tecnificada para favorecer o mundo sistêmico, por um lado fez explodir uma aceleração fantástica de invenções tecnológicas e de um desenvolvimento do mercado, mas, por outro lado, sua face econômica é altamente nefasta, porque conduzida por um modelo econômico fundado no neoliberalismo que promove o desmonte do Estado, que absolutiza o mercado que se torna método, meio e fim do pensamento humano, que intensifica a competitividade das empresas, que maximiza os lucros, produz níveis de marginalização e de exclusão nunca vistos.

Nesta realidade, a educação com princípios ético-filosóficos é um processo essencialmente coletivo no qual a aprendizagem e a construção do conhecimento se efetivam através dos relacionamentos entre os sujeitos e com o todo da vida. Torna-se a educação um processo de conquistas que engendra a humanização e a libertação do ser humano. Neste processo,

A aprendizagem é construção coletiva assumida por grupos específicos na dinâmica mais ampla da sociedade, que, por sua vez, se constrói a partir das aprendizagens individuais e grupais. As fases de aprendizagem individual, detalhadamente descritas pela psico e sócio-gênese, tanto no nível cognitivo (como em Piaget e em Wygotski), quanto no nível moral (como em Kohlberg) se relacionam determinadas pelas etapas da aprendizagem por parte da ampla sociedade. Numa nova educação que se coloque no e desde o mundo da vida, direcionada para as aprendizagens relevantes e efetivas, que só elas contam, a aprendizagem coletiva da humanidade pelos homens se torna pressuposto fundante do que aprender, do quando e como. (Marques, 1993, pp. 109-10).

Para que isso se torne realidade, a educação precisa estar prenhe de uma ética universal de princípios gerais de organização de uma sociedade justa, fraterna e solidária. Uma ética preocupada em identificar os princípios de uma vida que proporcione harmonia e um profundo sentido humano que respeite e valorize as diferenças e, no entanto, garanta o pleno desenvolvimento da vida humana, animal e vegetal no planeta todo. Trata-se de uma ética que transcenda a moral, que vai além.

A eticidade da educação compreende um processo aberto e de construção e reconstrução do conhecimento diante das necessidades que a vida humana universal e seu ambiente determinarem,

superando, assim, os determinismos do cognitivismo do paradigma da consciência. Trata-se de uma eticidade implícita em todo o processo educativo, seja ele formal ou informal. Da mais tenra idade até o fim da vida, todo o processo de aprendizagem e construção do conhecimento traz no seio de sua realização um desenvolvimento humano ético preocupado com a universalidade da vida de todos os seres humanos. Esta ética pergunta constantemente sobre como devemos agir, sobre as normas e conjunto de valores sem implicar em nenhum prejuízo para nenhum ser humano e para nenhuma vida necessária para o bem estar de toda a comunidade.

[...] colocada no cerne da unidade da razão prática, se refere ao discurso da elucidação e regulamentação da vida em comum, ou da identidade coletiva que respeite e deixe espaços para a multiplicidade dos projetos individuais de vida. Sustenta Habermas que, como as teorias científicas, as questões normativas são suscetíveis de exame crítico racional, no interior de processos argumentativos, isto é, de discursos cuja validação se assegure pela razão comunicativa numa situação dialógica livre de coações e pela motivação de todos os envolvidos, no sentido de alcançarem o entendimento entre eles num espaço conjugado de cooperação e solidariedade. (Marques, 1996, p. 11).

Mas para que ela se realize na sua totalidade e para todos, pressupõe-se a criação maximizada de estruturas capazes, no dizer de Prestes, de,

[...] promover capacidade discursiva daqueles que aprendem; promover condições favoráveis a uma aprendizagem crítica do próprio conhecimento científico; inocular a semente do debate, considerando os níveis de competência epistêmica dos alunos; promover a discussão pública dos alunos; promover a discussão pública sobre os critérios de racionalidade subjacentes às ações escolares, seja através dos conhecimentos prevalentes no currículo, seja pela definição de políticas públicas que orientam a ação pedagógica; estimular processos de abstração reflexionante, que permitam trazer a níveis superiores a crítica da sociedade e dos paradoxos de racionalização social e, a partir daí, realizar processos de aprendizagem, não só no plano cognitivo, como também no plano político e social; promover a continuidade de conhecimentos e saberes da tradição cultural que garantam os esquemas interpretativos do sujeito e a identidade cultural. (1996, p. 107).

Isso significa a formação de um ser humano mais flexível capaz de começar por uma profissão e se adaptar a outra; com competência de aprendizagens permanentes, interagindo com a realidade para manter-se vivo a si e aos outros. Um ser humano criativo capaz de construir alternativas infinitas para uma cidadania globalizada, na qual se realiza um desenvolvimento sustentável que satisfaça as necessidades das gerações presentes sem sacrificar as gerações futuras; que promova qualidade de vida sem comprometer a sustentabilidade dos ecossistemas; que transforme as relações de gênero; que estimule a vida comunitária e a cidadania e efetive o direito inalienável das crianças. Para isso ela precisa garantir um processo alfabetizador que capacite para a lecto-escritura (leitura e escrita), para uma alfabetização sócio-cultural (para viver em comunidade) e para o tecnológico (habilidade de interação com máquinas complexas). Uma educação que agregue aos "quatro pilares da educação" (*aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*) (Delors, 1998, pp. 89-102) o princípio fundamental da emancipação universal, para que se evite o perigo permanente de reduzir a educação à pura instrução, destinada a preparar funcionários eficientes da formação social vigente e não pessoas capazes de um posicionamento crítico frente à facticidade que as marca.

Do ponto de vista filosófico, significa a construção de diretrizes curriculares permeadas por princípios que devem inspirar o currículo e os projetos pedagógicos, qual sejam, princípios axiológicos que possibilitem o fortalecimento dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca, a formação de valores, o aprimoramento como pessoa humana, a formação ética, o exercício da cidadania; e princípios

pedagógicos, estruturados sobre a interdisciplinaridade e a contextualização, que vinculem a educação ao mundo do trabalho e à prática social, à compreensão de significados, à preparação para o exercício da cidadania, à construção da autonomia intelectual e do pensamento crítico, o aprendizado da flexibilidade para adaptar-se a novas condições de vida e de organização social, o relacionar a teoria com a prática.

Bibliografia

- AHLERT, Alvori (2003): *A eticidade da educação: o discurso de uma práxis solidária/universal*. 2 ed. Ijuí, RS, Ed. UNIJUÍ. (Coleção fronteiras da educação)
- BONHOEFFER, Dietrich (1988): *Ética*. São Leopoldo, Sinodal.
- BRASIL (1998): Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília, MEC/SEF.
- CHAUÍ, Marilena (1997): *Convite à filosofia*. 8.ª ed. São Paulo, Ática.
- DELORS, Jacques e outros (1998): *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, MEC, UNESCO.
- FREIRE, Paulo (1987): *Pedagogia do oprimido*. 17.ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- MARQUES, Mario Osorio (1993): *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí, Ed. UNIJUÍ.
- (1996): A Eticidade da Ciência. *Ciência & ambiente*. Santa Maria, Ed. da UFSM e Ijuí: UNIJUÍ, n.º 12, pp. 7-15.
- PRESTES, Nadja Mara Hermann (1996): *Educação e racionalidade: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola*. Porto Alegre: EDIPURCS.
- SOUZA, Herbert de (1994): *Ética e cidadania*. São Paulo, Moderna, 1994.
- STEIN, Ernildo (2000): *Perguntando pelos fundamentos antropológicos da educação*. Porto Alegre, 2000 (mimeo).

Correio eletrônico: alvoriahlert@hotmail.com - alahlert@bturbo.com.br - alvoriahlert@yahoo.com.br